
**Mudança anunciada:
A campanha de Simon para o governo do Rio Grande do Sul em 1986¹**

Fernanda Andricopulo NOSCHANG²

Maria Berenice da Costa MACHADO³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS

Resumo

A campanha vencedora de Pedro Simon para o governo do Rio Grande do Sul, em 1986, é o tema deste estudo. A partir de um conjunto de anúncios impressos desejamos compreender como é construído o discurso da mudança pelo candidato do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, de oposição aos militares que ainda governavam o Brasil e o estado sulista. A fundamentação teórica vem dos campos da Comunicação, da Política e da História; o caminho metodológico segue as orientações da pesquisa histórica documental e da História Oral. Analisamos o conteúdo de dez anúncios veiculados no jornal *Zero Hora*, no período entre agosto e novembro de 1986, em busca de indicadores textuais e imagéticos compatíveis com a promessa de mudança. Esse material é articulado ao contexto político-eleitoral e à biografia de Pedro Simon.

Palavras-chave: Anúncios; eleição; história; Pedro Simon; Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Passados dezoito anos da instalação do Regime Militar no Brasil, uma das etapas durante a redemocratização é a eleição direta para o cargo de governador dos estados⁴. Os resultados apontam ligeira vitória do Partido Democrático Social (PDS), sucessor da ARENA⁵, que elege doze governadores em um total de 22 estados; a oposição, representada pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e Partido Democrático Trabalhista (PDT), contabiliza dez governadores, nove e um respectivamente, dentre eles Franco Montoro (PMDB/São Paulo), Tancredo Neves (PMDB/Minas Gerais) e Leonel Brizola (PDT/Rio de Janeiro).

No Rio Grande do Sul, em 1982, a vitória é do PDS com Jair Soares, então titular do Ministério da Previdência e Assistência Social no governo do general João Figueiredo (1979-

¹ Trabalho apresentado na II08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Bolsista de Iniciação Científica (BIC – UFRGS), estudante do 5º semestre do curso de Relações Públicas da Fabico/UFRGS. E-mail: nanda.noschang@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Publicitária e Doutora em Comunicação, Professora do Curso de Publicidade e Propaganda, Fabico/UFRGS. E-mail: mberenice.machado@ufrgs.br.

⁴ Governador, em 1982, é o primeiro cargo do poder executivo que volta a ser escolhido pelo voto direto e popular, três anos mais tarde são os prefeitos das capitais e em 1989 elege-se o presidente da República.

⁵ Aliança Renovadora Nacional.

1985). Três concorrentes lhe fazem oposição: Pedro Simon pelo PMDB, Alceu Collares pelo PDT e Olívio Dutra pelo Partido dos Trabalhadores (PT)⁶.

Jair lembra que a vitória eleitoral de um candidato do PDS, naquele ano, seria contrária à lógica que vinha se observando no estado gaúcho até então: “a minha eleição era uma eleição impossível, porque era uma constante no Rio Grande do Sul a alternância no poder”. O candidato argumenta ter se dedicado com “tenacidade à campanha (...) eu tinha que vencer, eu não estava brincando” (SOARES, 2013).

Ao natural clima de disputa de uma campanha eleitoral, a de 1982 coleciona também polêmicas: os candidatos da situação reclamam do governo e da economia, os da oposição temem fraudes⁷. Jair Soares sente-se “traído pelo SNI”, órgão de inteligência do governo federal, que, às vésperas da eleição, divulga pesquisa apontando a sua derrota para o peemedebista (SOARES 2012 e 2013, FAVERO, 2013b apud MACHADO e BRACHER, 2014).

Pelo PMDB, Pedro Simon acusa o “derramamento de cédulas de votação para favorecer Jair Soares”. Seu partido e o PT decidem se unir para fiscalizar a contagem manual dos votos; mesmo assim, no dia seguinte à apuração, aparecem pelas ruas da Capital muitas cédulas rasgadas, sugerindo desvio de material das urnas. Simon faz denúncias, mas estas não repercutem (SIMON, 2017).

O peemedebista volta a disputar e vence a eleição para o governo do RS quatro anos depois, essa campanha é objeto deste estudo⁸. A partir de um conjunto de anúncios impressos desejamos compreender como Pedro Simon e o PMDB construíram o discurso da mudança em 1986. A fundamentação teórica vem dos campos da Comunicação, da Política e da História; o caminho metodológico segue as orientações da pesquisa histórica documental e da História Oral; a abordagem é qualitativa, com uso de fontes primárias e secundárias. Analisamos o conteúdo de dez anúncios veiculados no jornal *Zero Hora*, no período entre agosto e novembro de 1986, coletados no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, em busca de indicadores textuais e imagéticos compatíveis com a promessa de mudança, material que articulamos ao contexto político-eleitoral e à biografia de Pedro Simon.

⁶ Em pleitos seguintes, os três opositores elege-se governador do RS: Simon em 1986, Collares em 1990 e Olívio em 1998.

⁷ No Rio de Janeiro, Leonel Brizola denuncia tentativa de golpe após a Rede Globo de Televisão divulgar a provável vitória de seu adversário Moreira Franco (PDS), episódio que ficou conhecido como “Escândalo Proconsult”.

⁸ Justificamos este artigo pois vinculado à pesquisa “Propaganda e Democracia: Campanhas vencedoras para o governo do Rio Grande do Sul entre 1982 e 2014”, cujo objetivo é refletir e produzir conhecimento sobre as estratégias discursivas e a estética texto e imagem das nove campanhas eleitorais vencedoras para o governo do Estado.

O CONTEXTO E A CAMPANHA DE 1986

Com o Golpe Militar, em 1964, as eleições para os cargos do poder executivo ficam suspensas, a população vota apenas para senador, deputado estadual e federal e em candidatos de dois partidos: do MDB⁹, que agrega a oposição ao regime, e da ARENA, que representa os militares. A abertura e a transição para a democracia começam em 1979, ano em que o bipartidarismo deixa de existir no Brasil (BAQUERO; PRÁ, 2007).

Voltam a se realizar eleições para governador dos estados brasileiros em 1982, a oposição ascende aos governos de maneira gradual; alguns apoiadores do antigo regime permanecem no poder. É o caso do Rio Grande do Sul, onde a disputa ocorre entre duas forças antagônicas: o PDS com Jair Soares e o PMDB com Pedro Simon, os dois mais votados (ARTURI, 1995).

Para Pedro Simon aquela eleição é importante, pois a primeira para o governo do Estado depois da instalação do regime militar. As dificuldades experimentadas pela oposição advinham da criação da sublegenda¹⁰, do voto vinculado¹¹ e o temor de fraudes no resultado, como relata o ex-governador:

No dia seguinte à apuração, apareceu uma montanha de papelada, votos rasgados e eu até tentei entrar com requerimento e pedir a anulação do pleito, nem tomaram conhecimento. Mas foi um pleito importante e marcou as forças do Rio Grande do Sul no sentido de partir para redemocratização. O Rio Grande do Sul foi o estado onde principalmente devido à oposição, o nosso MDB, que teve uma luta muito grande para a democratização, um esforço intenso, muito profundo para que a redemocratização acontecesse. E ali foi o início (SIMON, 2017).

Nesse cenário, ocorre a segunda eleição direta para governador do RS. Simon observa que “foi uma campanha muito, muito bonita. Porque a campanha de 86 foi também uma eleição geral, elegemos a assembleia nacional constituinte”. Ele lembra que estava no Ministério da Agricultura, havia “sido indicado pelo presidente Tancredo” e que vivia “um drama familiar muito grande” (SIMON, 2017).

À morte prematura do filho caçula, soma-se um ano antes desse pleito a perda da esposa:

Até hoje eu não me lembro como é que eu aceitei ser candidato e como é que eu iniciei aquela campanha. Eu me lembro que eu cheguei em casa, num retiro fora do mundo, numa depressão muito grande, quando eu vi eu tava na campanha. Dizem meus companheiros e amigos que foi a campanha mais bonita que eu fiz (SIMON, 2017).

⁹ MBD, Movimento Democrático Brasileiro, é o partido que abriga a oposição entre 1964 e 1979; neste ano, com o fim do bipartidarismo, inclui Partido no nome e torna-se Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB); em 2017 volta à sigla MDB.

¹⁰ Durante a ditadura militar, permitia que um partido apresentasse mais de um candidato a um cargo majoritário.

¹¹ Voto vinculado é a obrigatoriedade do eleitor votar em candidatos do mesmo partido para todos os cargos.

O período da campanha eleitoral, em 1986, é mais curto do que o normal na época, o que incomoda os partidos. Em 1982, a campanha eleitoral se estendeu de maio até novembro; em 1986, de agosto até novembro. No RS são seis as chapas inscritas no TRE (Tribunal Regional Eleitoral): a de Pedro Simon (governador) e Sinval Guazzelli (vice), pelo PMDB; a de Aldo Pinto, pela coligação Aliança Popular pelo Rio Grande do PDT e PDS; a de Carlos Chiarelli, pelo PFL¹²; a de Clóvis Ilgenfritz, pelo PT; a de Fúlvio Petracco, pelo PSB¹³ e a de Domingos Tódero¹⁴, pelo PCB¹⁵. Apesar de tentar construir coligações para eleição, o PMDB não é bem sucedido. Na cédula eleitoral (Figura 1), a ordem é Chiarelli em primeiro, depois Petracco, Aldo Pinto, Pedro Simon e Clóvis Ilgenfritz, isto é, Simon fica na quarta posição (*Zero Hora*, 02 ago. 1986, p. 10 e 13 nov. 1986, p. 5).

Figura 1 – PMDB anuncia a cédula eleitoral



Fonte: *Zero Hora*, 19 out. 1986, p. 9

Sobre a coligação entre PDT e PDS, partidos com orientações opostas, o candidato do PMDB acredita ter lhe ajudado

a ganhar a eleição, pois o Rio Grande do Sul não teria comprado a aliança e teria tido uma reação negativa a ela. Com a vitória da democracia e a derrota da ditadura militar, não teria sentido uma aliança entre o PDT - partido de Brizola, ‘dissidente’ do antigo MDB - e o PDS - que seus quadros (Nelson Marchezan - candidato a senador) tinham ligações com Figueiredo e a ditadura militar. Mesmo assim, o clima político em relação aos militares na eleição de 1986 foi tranquilo, visto que não houve nenhuma interferência desses na campanha (SIMON, 2017).

Na plataforma eleitoral de Simon, o principal apelo é para a mudança, com propostas para manter o vínculo com a Nova República¹⁶, apoio, mas sem submissão ao governo federal, a reformulação da máquina administrativa e o fortalecimento da indústria e da agricultura no Estado. Tanto Simon quanto o PMDB cultivam projeto político com “espírito da

¹² Partido da Frente Liberal. Hoje, atual Democratas (DEM).

¹³ Partido Socialista Brasileiro.

¹⁴ Durante a campanha, o candidato retira a sua candidatura e passa a apoiar Pedro Simon.

¹⁵ Partido Comunista Brasileiro.

¹⁶ Período posterior ao regime militar no Brasil.

redemocratização” e a ideia de não olhar para trás e sim para frente (*Zero Hora*, 10 ago. 1986, p. 14; 26 out. 1986, p. 18 e 31 out. 1986, p. 11). O candidato sabia que o Rio Grande do Sul,

por ter se manifestado duramente contra a ditadura do governo federal, e com isso ocasionando muitas brigas, estava pagando um preço caro; a maneira de resolver isso seria com a construção dessa relação com o governo federal, sem pensar em vingança e sim em unir o Rio Grande para sair desse caos em que se encontra (SIMON, 2017).

A pretensão do pemedebista é a realização de “um governo austero e participativo, no qual, as melhores alternativas seriam debatidas em conjunto entre a população e os governantes” (*Zero Hora*, 26 out. 1986, p. 18).

Em termos de recursos, o PMDB é o partido que mais investe na eleição. A campanha para governador recebe 12 milhões de cruzados de verba. Com isso, o PMDB faz cerca de oito milhões de panfletos, dez milhões de cédulas explicativas, materiais distribuídos pelos candidatos a governador e vice nas visitas aos municípios gaúchos, percorridos quase na sua totalidade (*Zero Hora*, 12 nov. 1986, p. 11).

A estrutura do Partido para a campanha Simon 1986 fixa seu comando central na Rua 7 de Setembro, no Centro Histórico de Porto Alegre, com equipe composta por dez assessores de imprensa, vinte responsáveis pelo transporte, dez assessores de propaganda, quatro tesoureiros e sete assessores de serviços gerais (*Zero Hora*, 12 nov. 1986, p. 11). No começo, a coordenação geral é de Cezar Schimer, depois assume Carlos Giacomazzi, assessorado por Antenor Ferrari, Rômulo Brasil e Marcos Palombini. A comunicação e a produção de materiais ficam sob a responsabilidade de Alfredo Fedrizzi e de José Ernesto Pasquotto; a assessoria de imprensa com Bacchieri Duarte (SIMON, 2017).

De acordo com as pesquisas publicadas no jornal *ZH* durante a campanha eleitoral, Simon aparece sempre na liderança, com mais de 40%, chegando por vezes a 53%. Ele credita a posição dianteira como reação contrária às agressões, aos panfletos difamatórios e a boatos dos adversários, como o do embargo das obras de Candiota, a dispensa de professores e funcionários, e de não gostar da Brigada Militar (apud *Zero Hora*, 29 set. 1986, p. 11 e 12 nov. 1986, p. 3).

Uma das ou até a maior das polêmicas envolvendo Simon, durante a campanha eleitoral, é a situação do funcionalismo público, em específico, dos professores. O então governador Jair Soares/PDS, em final de governo, sanciona benefício salarial há muito reivindicado pela categoria; este deveria vigorar no próximo mandato, portanto a ser honrado pelo próximo governador. Em sabatina no Colégio Marista Rosário, no dia 12 de outubro de 1986, os candidatos são questionados pelos professores estaduais. Considerando a situação do Tesouro do Estado,

Simon é o único a responder que “não iria pagar, não porque não era uma demanda justa, mas porque o Estado não teria como”. Ele é vaiado pelos professores e passa a “inimigo do funcionalismo público gaúcho” (DUARTE, 2001, p. 250).

No decorrer da eleição, Simon recebe apoio de entidades estudantis e de Tódero (PCB), que a retira a candidatura ao governo. Entretanto, esse apoio gera associação de Simon com os comunistas, este neutralizada por Ulysses Guimarães¹⁷ que traz a questão da Nova República, da luta contra o autoritarismo e a favor da democracia (*Zero Hora*, 10 set. 1986, p. 11 e 22 out. 1986, p. 11).

Os candidatos recorrem à estratégia do corpo a corpo, na reta final da campanha, visitando vilas da Capital e a Grande Porto Alegre (*Zero Hora*, 19 out. 1986, p. 16). Simon ataca a Aliança Popular pelo Rio Grande (PDT/PDS) e lembra a ligação do PDS com a ditadura militar, inclusive “que o partido estaria com os dias contados e não elegeria nenhum governador” (*Zero Hora*, 06 out. 1986, p. 13).

Pedro Simon vence a disputa para o governo do Rio Grande do Sul com 41,68% dos votos (2.009.381), Aldo Pinto fica em segundo e Carlos Chiarelli em terceiro (NOLL; TRINDADE, 1995). Simon considera que “a caravana do PMDB foi menos uma campanha política e mais uma confraternização com o povo gaúcho” (*Zero Hora*, 31 out. 1986, p. 11).

A CARREIRA POLÍTICA DE SIMON

Pedro Jorge Simon nasce no dia 31 de janeiro de 1930, em Caxias do Sul. Descendente de imigrantes libaneses, sua trajetória política começa no movimento estudantil secundarista. Primeiro, ele atua no Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Caxias do Sul; depois, em Porto Alegre chegando a presidente do Grêmio Estudantil Rosariense, no Colégio Nossa Senhora do Rosário.

Ainda jovem estuda Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e segue na política ao eleger-se presidente do Centro Acadêmico Maurício Cardoso e da Federação de Estudantes de Faculdades e Escolas Superiores Católicas do Brasil. Simon é pós-graduado em Economia Política e especialista em Direito Penal.

Desde cedo Simon cultiva admiração por Alberto Pasqualini¹⁸, sua atuação na política-partidária inicia-se no PTB¹⁹ e, em 1950, na companhia de Brizola, Sereno Chaise e Fernando

¹⁷ Ulysses Guimarães foi um político brasileiro, um dos principais nomes da resistência parlamentar contra a ditadura militar.

¹⁸ Identificado com a ideologia trabalhista, foi senador pelo PTB em 1950.

¹⁹ Partido Trabalhista Brasileiro.

Ferrari funda a ala moça do PTB²⁰. A entrada definitiva na vida pública acontece em 1959 sendo eleito vereador em Caxias do Sul pelo PTB; em 1962 passa a deputado estadual pelo mesmo partido.

Durante o primeiro mandato de Simon na Assembleia Legislativa do RS acontece o golpe militar que institui o bipartidarismo. A oposição ao regime autoritário então concentra-se no MDB. Simon filia-se à sigla, é reeleito deputado estadual, função que cumpre até 1978. Entre 1979 e 1984, Pedro Simon elege-se senador pelo estado gaúcho (DUARTE, 2001).

Considerado um “bom orador, excelente dirigente e organizador”, Pedro Simon desempenha papel importante nas “Diretas-Já”. Antes de tomar as ruas, o PMDB institui internamente a “Comissão das Diretas” para organizar o movimento. Pedro Simon é o coordenador geral da Comissão que elabora o documento “Eleições Diretas-Já”, aprovado em reunião com todos os presidentes de diretórios regionais do PMDB. A divulgação desse documento dá início à campanha das “Diretas-Já”. Para Bachieri Duarte, o documento tem importância pois organiza o movimento e tem relação direta com o então senador:

tem que ser creditado a Pedro Simon uma parte muito significativa do sucesso alcançado pelas Diretas. [...] Pedro Simon montou a arquitetura da campanha. No documento - na redação do qual ele foi o principal colaborador -, estão assinaladas as metas a serem atingidas, bem como a forma de isso ser obtido: “Objetivos do movimento”, “Abrangência”, “Entendimentos com demais partidos da oposição e segmentos sociais democráticos”, “Campanha propriamente dita”, “Coordenação política”, “Mobilização e estrutura de comitês estaduais e municipais”, “Cronogramas de viagens, simpósios e seminários”, “Confecção e divulgação de material”, “Levantamento de fundos financeiros”, “Administração geral da campanha” (DUARTE, 2001, p. 228).

Mesmo com a Nação pedindo a volta das “Diretas-Já”, o presidente uma vez mais é eleito pelo colegiado eleitoral em 1985, o avanço foi não ser general, mas o civil Tancredo Neves, que indica Simon para o Ministério da Agricultura. No entanto, Tancredo Neves adoece e morre; o vice-presidente Sarney segue o governo e mantém o gaúcho no posto até a eleição para o governo do Rio Grande do Sul; campanha que estudamos neste artigo. Ao deixar o Palácio Piratini²¹, o peemedebista volta ao Senado, reelegendo-se pelo RS mais três vezes, 1990, 1998 e 2006, para mandatos com duração de oito anos. Simon postula o senado novamente em 2014, não se elege, aposenta-se da vida pública, mas mantém-se ativo nos bastidores da política.

²⁰ Tinha o objetivo de conquistar o eleitorado jovem e integrá-lo ao partido. Hoje, chama-se Movimento da Juventude Petebista.

²¹ Sede do poder executivo do Rio Grande do Sul.

ANÚNCIOS DE SIMON PARA MUDAR O GOVERNO GAÚCHO EM 1986

Durante uma campanha eleitoral, o campo político fica acelerado para a disputa e a captura de votos (RUBIM, 2000), oportunidade de máxima visibilidade aos concorrentes para a promoção de atos públicos, políticos e ações midiáticas. Os partidos e candidatos apresentam-se, informam e buscam adesão às suas promessas através de discursos e materiais impressos, audiovisuais e, mais recentemente, digitais.

As peças que analisamos a seguir têm um único objetivo, interrelacionam-se e integram-se, constituem a parte tangível da campanha eleitoral do candidato Simon²² (TOALDO; MACHADO, 2013). Esses anúncios veiculados em *Zero Hora*²³ enquadram-se na definição de Rabaça e Barbosa: são mensagens políticas e eleitorais, elaboradas para informar e persuadir os leitores. Podem compor um anúncio os seguintes elementos: título, palavra ou frase em corpo maior, destacada no alto do anúncio e com a função de chamar a atenção; texto, parte escrita de um anúncio para além do título, desenvolve os argumentos deste; ilustração, uma ou mais, imagem, desenho, fotografia, gravura ou gráfico; slogan, frase curta e marcante, sintetiza o conceito; assinatura, identificação do anunciante - nome, logotipo, dados de contato (RABAÇA e BARBOSA, 2001, p. 32, 43, 377, 685, 723,731). Buscaremos no conteúdo dos anúncios, nos seus componentes textuais e imagéticos, marcas indicadoras da promessa de mudança pela campanha de Pedro Simon em 1986. O corpus de análise é constituído por dez anúncios veiculados no jornal *Zero Hora*, fotografados do acervo de jornais do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, no período de novembro de 2017 a março de 2018.

Seguindo ordem cronológica, apresentamos o primeiro (Figura 2), veiculado em página inteira no dia 3 de agosto, ou seja, na abertura da campanha eleitoral, período após a homologação da chapa pemedebista, oportunidade em que são propagados os nomes de Pedro Simon, como candidato a governador, e de Sinval Guazzelli para vice.

²² Peças que em 1986 a lei facultava às campanhas eleitorais: adesivos, balões, sacolas, bandeiras, *banners*, *bottons*, camisetas, canetas, capa de capô ou de retrovisor para carros, cartões de visita, chaveiros, comercial televisivo, *display*, faixas, fitas, folheto/panfleto, *jingle*, jornal, santinhos, *spots*.

²³ Jornal fundado em maio de 1964, mantém-se há mais de 50 anos como o principal diário impresso do RS, é considerado de “referência dominante” por pertencer ao grupo RBS (Rede Brasil Sul), maior grupo de comunicação multimídia do sul do país que é afiliado da Rede Globo nas operações de televisão (BERGER, 1998, p. 47).

Figura 2 - Simon Governador, Guazzelli Vice

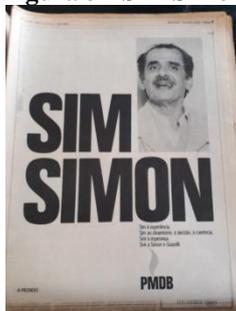


Fonte: *Zero Hora*, 03 ago. 1986, p. 25

Os dois sobrenomes aparecem na chamada, ocupando quase metade da página, os respectivos cargos, em fonte reduzida, encaixam-se nessa. Foto recortada dos dois políticos abraçados e com o braço da extremidade para cima, margeando a página e a chamada. Abaixo da imagem frase-complemento: “Este será o governo de todos os gaúchos”, seguida pelo logotipo do PMDB.

O próximo anúncio (Figura 3), publicado nove dias após o primeiro, também ocupa uma página para destacar as palavras “SIM”, “completada” pela foto do candidato ao governo, cujo nome inteiro “SIMON” vem logo abaixo.

Figura 3 - Sim Simon



Fonte: *Zero Hora*, 12 ago. 1986, p. 9

Segue esse conjunto texto-imagem, no mesmo alinhamento da foto, um bloco de frases “Sim à experiência”; “Sim ao dinamismo, à decisão, à coerência”; “Sim à esperança”; Sim a Simon e Guazzelli”, abaixo destas o logotipo do PMDB. O jogo palavras-imagem da chamada explora o nome Simon, que contém SIM, desejado pelo candidato na hora da votação, reafirmada pelo texto final que qualifica: o político tem experiência, dinamismo, decisão, coerência e representa a esperança.

Os próximos anúncios (Figuras 4 e 5) têm diagramação e imagem semelhantes: a foto, ao lado desta o logo do PMDB, seguido por bloco central com os nomes dos dois candidatos, junto desses a indicação dos cargos em fonte menor e o número 15. Na parte inferior da página, fotos,

números e nomes dos candidatos para os cargos de senador e vice pelo partido. Os anúncios diferenciam-se nos títulos e conteúdos dos textos impressos abaixo destes e à direita da imagem principal.

Figuras 4 e 5 - “A união do povo pelo Rio Grande” e “Diga sim ao Rio Grande”



Fonte: *Zero Hora*, 16 ago. 1986, p. 27 e 18 ago. 1986, p. 9

O impresso do dia 16 de agosto traz o título “A união do povo pelo Rio Grande”, sem dúvidas um apelo aos gaúchos. Observa-se na página veiculada dois depois o título “Diga Sim ao Rio Grande”, retomando o apelo da semana anterior, anúncio da Figura 3.

Na sequência analisamos um anúncio veiculado no dia 6 de setembro (Figura 6), no formato rodapé alto²⁴.

Figura 6 – O Brasil Mudou



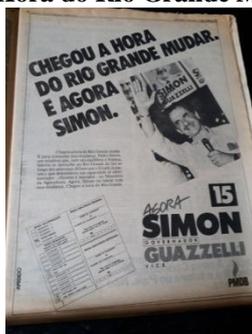
Fonte: *Zero Hora*, 06 set. 1986, p. 8

A peça exhibe foto de Pedro Simon na parte esquerda, a chamada é “O Brasil Mudou” e abaixo desta a frase-complemento “Agora é a vez do Rio Grande Mudar”. Na parte inferior os sobrenomes dos candidatos a governador e vice, o número 15 e o logotipo do partido. A data coincide com a véspera do feriado da Independência, o anúncio faz relação entre o País e o Estado no título e subtítulo, o Brasil mudou (refere-se a um presidente civil, de oposição), em 1986 seria a vez de mudar o Rio Grande do Sul, ou seja, não mais candidato alinhado com os militares (caso do então governador Jair Soares, do PDS), mas Simon e Guazzelli do PMDB.

²⁴ Anúncios que se localizam na parte de baixo da página, em tamanho 24,7 x 8,5.

A peça subsequente (Figura 7) ocupa página inteira, veiculada dois dias antes da eleição; a diagramação do título e da foto são em diagonal, com bloco de texto no centro, abaixo deste, imagem da cédula eleitoral também na diagonal, ladeada pelos sobrenomes Simon/ Guazzelli com os respectivos cargos.

Figura 7 – Chegou a Hora do Rio Grande Mudar, É Agora Simon

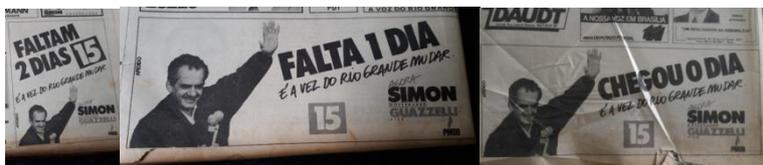


Fonte: *Zero Hora*, 13 nov. 1986, p. 11

Observamos acima do bloco com os sobrenomes a palavra “Agora”, um acréscimo em relação ao que vinha sendo exibido em anúncios anteriores. Com mais destaque o número 15 e abaixo desse bloco o logotipo do PMDB. Destacamos do título expressões que marcam a proximidade com a eleição: “chegou a hora”, “é agora” e o apelo “do Rio Grande mudar” apontando na direção da imagem de Simon, que aparece com a mão direita levantada e um microfone na oposta, cenário semelhante ao de um comício, com cartazes da sua campanha ao fundo.

Neste mesmo dia 13 de novembro, na véspera 14 e no dia 15, o da eleição, são publicados em *Zero Hora* mais três anúncios com conteúdos bastante semelhantes (Figuras 8, 9 e 10). Os formatos são reduzidos (dois deles rodapé), a mesma foto de Simon com títulos que fazem a contagem regressiva: “FALTAM 2 DIAS”, “FALTA 1 DIA”, “CHEGOU O DIA”.

Figuras 8, 9 e 10 – “Falta 2 Dias”, “Falta 1 Dia” e “Chegou o Dia”



Fonte: *Zero Hora*, 13 nov. 1986, contracapa; 14 nov. 1986, contracapa; 15 nov. 1986, contracapa.

Comum também nas três peças a frase-apelo à mudança: “É a Vez do Rio Grande Mudar”, junto com o bloco com os sobrenomes “Agora Simon Governador, Guazzelli Vice”, o número 15 e o logotipo PMDB.

O último anúncio desta análise é de uma página (Figura 11), veiculado também no dia da eleição, com chamada em três linhas ocupando o terço superior “Chegou a Hora do Rio Grande Mudar. É Agora Simon”.

Figura 11 – Chegou A Hora do Rio Grande Mudar. É Agora Simon



Fonte: *Zero Hora*, 15 nov. 1986, p. 7

Repete a foto exibida no anúncio de página no dia 13 de novembro (Figura 7), o bloco com o número 15, os sobrenomes “Agora Simon Governador, Guazzelli Vice” e o logotipo PMDB. Do lado esquerdo da foto, no centro da página, um texto com a assinatura e o nome Pedro Simon, diz “aproxima-se a hora de, em conjunto, governarmos esse Estado” e adianta que será “sem ressentimentos, sem ódio e sem rancor”, estão “cheios de ânimo e esperança” quer “valorizar aquele que trabalha, estimulando a sua produção”. O texto além de expressar sentimentos positivos, de indicar não haver mágoas sobre a perda da eleição em 1982, valoriza a economia do RS centrada na produção agrícola e na pecuária, atividades sob a tutela do Ministério da Agricultura até então ocupado pelo candidato do PMDB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A campanha de Simon para executivo do RS, em 1986, anuncia e apela para a união e a mudança do partido que vinha governando o Estado. Nos textos e nas imagens dos dez anúncios que analisamos a mudança está indicada diretamente e representada nas fotos do candidato e do vice, no número e logotipo do PMDB, nas expressões “todos os gaúchos”, “povo”, pelo infinitivo do verbo “mudar”, pelo advérbio “agora” e no nome do estado “Rio Grande”. O apelo para “mudar o sentido” aparece de maneira sutil na diagramação, o título e a foto da Figura 7 estão em posição diagonal aos demais elementos desse anúncio.

A unidade aparece nos apelos à “união de todos pelo Rio Grande”, ou seja, deseja unir o próprio povo pelo que este tem em comum, o Estado. Para tanto, propõe “esquecer as mágoas”,

“agora é a nossa vez”, alude à ditadura militar e talvez à eleição perdida em 1982. E como propõe o texto da Figura 3, Simon tem credenciais para tanto, tem experiência, dinamismo, decisão, coerência e representa esperança.

Observamos também no conjunto de peças analisadas as repetições, tanto na quase totalidade dos anúncios (Figuras 4/5 e 8/9/10) e nos elementos destes, caso da imagem, do texto, da assinatura, do número e do logotipo. Compatíveis com a unidade requerida por uma campanha, as repetições reforçam a mensagem e contribuem no sentido de persuadir e para a memorização. Outras estratégias que potencializam ainda mais os anúncios estudados: o tamanho, ocupar toda uma página é ter mais visibilidade e assim chamar mais a atenção (Figuras 4/5/7/11); a posição do anúncio em página ímpar (Figuras 4/5/7/11) ou na contracapa (Figuras 8/9/10).

Na campanha de 1986, o PMDB elege 22 governadores em um total de 23 estados brasileiros. Consolida-se assim a transferência de poder dos militares/ARENA/PDS para a oposição/civil/PMDB. No RS, o apelo à mudança vence, entretanto essa não seria para apartar, mas SIM para unir o povo pelo seu Estado. Simon ao vencer a disputa nesse ano (re)inaugura o ciclo da alternância no executivo gaúcho: em 1986 e nas oito eleições seguintes, nenhum governador consegue se reeleger, tampouco fazer sucessor do mesmo partido.

Referências

ARTURI, Carlos S.. As eleições no processo de transição à democracia no Brasil. In: BAQUERO, Marcello (Org.). **Brasil: transição, eleições e opinião pública**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 9-33.

BAQUERO, Marcello; PRÁ, Jussara Reis. **A Democracia Brasileira e a Cultura Política no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2007.

BERGER, Christa. **Campos em Confronto: A terra e o texto**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

BUENO, Ricardo. **O Brasil de ponta-cabeça: de 1970 a 1994, inflação, estagnação e estabilidade**. Porto Alegre: Totalcom, 2014.

DUARTE, José Bacchieri. **A fascinante história de Pedro Simon: sua vida, seu tempo**. Porto Alegre: AGE Editora, 2001.

MACHADO, Maria Berenice; BRÄCHER, Andréa. Propaganda política para a redemocratização: a campanha de Jair Soares para o governo do Rio Grande do Sul em 1982. In: Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Fabico/UFRGS. **Comunicação e Redemocratização no Rio Grande do Sul: Uma abordagem histórica**. Florianópolis: Editora Insular, 2014. Cap. 8. p. 195-233.

NOLL, Maria Izabel; TRINDADE, Hélió. **Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul: 1945-1994**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Campus, 2001.

RUBIM, Antonio Albino. **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. São Paulo: Hacker, 2000.

SIMON, Pedro. **Pedro Simon**: depoimento [nov. 2017]. Entrevistadora: M. Machado. Porto Alegre: Residência do Político, 2017. 1 fita cassete (54min50seg), 3 ¾ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Propaganda e Democracia: Campanhas vencedoras para o governo do Rio Grande do Sul entre 1982 e 2014.

SOARES, Jair. **Jair Soares**: depoimento [set. 2013]. Entrevistadores: A. Brächer e M. Machado. Porto Alegre: Residência do Político, 2013. 1 fita cassete (180min), 3 ¾ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Projeto de Pesquisa Processos Comunicacionais e a Redemocratização no Rio Grande do Sul.

TOALDO, M. M.; MACHADO, M. B. C.. A longevidade de uma campanha publicitária: uma sistematização teórica sobre o tema a partir do seu estado da arte. **Ação Midiática: Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 1, p. 80-95, 2013.

Zero Hora. Período de agosto a novembro de 1986.